

A biblioteca escolar brasileira e os novos suportes de leitura: a Internet na formação do leitor digital

Alexandre Masson Maroldi¹, Roseni Santos Rodrigues²

¹UNIR – Universidade Federal de Rondônia
Professor do Departamento de Biblioteconomia
Campus - BR 364, Km 9,5
CEP: 78900-000 Porto Velho - RO

alexandremaroldi@yahoo.com.br

²UNIR – Universidade Federal de Rondônia
Acadêmica do Curso de Biblioteconomia
Campus - BR 364, Km 9,5
CEP: 78900-000 Porto Velho – RO

rosenisantos@yahoo.com.br

***Resumo.** O presente trabalho apresenta uma nova concepção da biblioteca escolar brasileira como um possível espaço para fomentar o hábito de ler em crianças e adolescentes. Discorremos sobre as necessidades imediatistas e do “novo” esquema mental de nossos jovens em idade escolar a partir do seu ambiente de socialização. O texto tem como objetivo contextualizar qual é o novo papel das bibliotecas escolares brasileira na formação do hábito de leitura frente aos novos suportes das tecnologias da informação e da comunicação, em destaques para a Internet. O estudo foi realizado a partir de uma revisão de literatura da fundamentação da história dos suportes da leitura e da relação, também histórica, entre biblioteca escolar brasileira e a leitura. Nas considerações finais apontamos alguns problemas que ainda impedem a biblioteca escolar de fomentar o hábito da leitura nas crianças e adolescentes no âmbito das tecnologias digitais.*

1. Introdução

A biblioteca escolar, desde seus primórdios, deveria estar inserida no contexto escolar para servir de contraponto entre a dicotomia da ignorância e do conhecimento. Entretanto, apesar dos avanços da educação brasileira nos últimos anos, a mesma ainda não conseguiu acompanhar com a mesma velocidade a evolução desejada principalmente no que tange ao processo de formação do hábito da leitura.

Kleiman (1989, p.7) nos mostra que “a aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura”. Porém, infelizmente, ao menos no Brasil, o quadro que se desvela em relação à biblioteca escolar é de um “local distante do centro da aprendizagem dos estudantes e com acervos desatualizados que não propiciam o prazer em ler” (Becker; Grosch, 2008, p. 38).

Silva (2003a, p. 15) também nos mostra que a biblioteca escolar brasileira muitas vezes [...] “é utilizada não com um local de estudos ou de leitura, mas de punição: o aluno perde o recreio, ficando de castigo na biblioteca”.

Porém com o advento das tecnologias da informação e da comunicação em nossa sociedade um novo suporte começa a emergir com grande potencial para as práticas da leitura nas bibliotecas escolares: a Internet.

A Internet, nascida no bojo do processo que marca a passagem de um novo estágio das tecnologias cognitivas, em sucessão à oralidade, à escrita e à imprensa, como assinala Lévy (1993, p. 27), pode ser vista como um gigantesco sistema de informação de alcance mundial e, como tal, tem provocado um impacto extraordinário na comunicação e nos serviços de informação.

Sobre este aspecto, Cattelan (1997, p. 68) também ressalta que a “Internet democratizou o acesso à informação independentemente da formação do usuário”, abrindo a um número cada vez maior de pessoas a possibilidade de experimentar novas formas de ler.

Essa nova possibilidade de leitura, que Chartier (1999, p. 29) chama de “felicidade extravagante”, vem, cada vez mais, fazendo surgir um novo tipo de leitor, recém inventado e diferente, principalmente, a partir do suporte onde a palavra escrita está sendo produzida.

Diante dessas perspectivas, o tema Biblioteca escolar e Internet têm, ainda que em raros momentos, instigando alguns debates na comunidade Biblioteconômica e da Educação que são unânimes em enfatizarem que as bibliotecas escolares, quando existem, ainda não estão sendo eficazes e atraentes para formação do “leitor digital” (Darnton, 2010, 156).

Darnton (2010, p. 51) também nos mostra que, para atrair o leitor, algumas bibliotecas escolares acabam “oferecendo poltronas para relaxar e conversar, espaços arquitetônicos gigantescos e até mesmo bebidas e lanches” e esquecem, ou por desconhecerem, renegando a força midiática da Internet na concepção de formação do futuro leitor.

Nesse contexto, Moraes (2011) nos revela que: mesmo com advento da tecnologia da informação, que deu um grande impulso às bibliotecas, alterando consideravelmente sua rotina no processo de armazenamento, recuperação, acesso e uso da informação, as bibliotecas escolares não apresentam as mudanças e o desenvolvimento esperado.

Uma recente pesquisa publicada pelo Instituto Pró livro (2008, p. 42) nos apresenta que 64% das pessoas entrevistadas responderam que o período em mais leram na vida foi durante a fase que vai dos 10 até os 17 anos de vida, ou seja, da idade escolar que vai do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

Diante desse contexto, um adolescente que hoje tem 15 anos e que frequenta o primeiro ano do Ensino Médio, nasceu e cresceu fazendo parte de sua rotina o uso das tecnologias

mediáticas, dentre elas a Internet e que, de acordo com a mesma pesquisa do Instituto pró leitura (2008, p. 54), aponta que 30% dos jovens entrevistados preferem gastar seu tempo de navegação lendo textos da Internet contra 24% que preferem gastar seu tempo lendo livros em formato convencional (papel).

Os dados da pesquisa do Instituto Pró livro (2008) nos revelam que há um público que quer fazer uso dos benefícios da leitura, mas para que isso ocorra dentro do ambiente das bibliotecas escolares, a mesma deverá repensar seu papel e as características da formação de seu acervo.

Portanto, esse trabalho tem como objetivo contextualizar qual é o novo papel das bibliotecas escolares brasileira na formação do hábito de leitura frente aos novos suportes das tecnologias da informação e da comunicação com destaque para a Internet.

2. Breve História dos Suportes da Leitura

O leitor da era eletrônica pode construir textos originais, cuja existência, organização e aparência dependem somente deles. O computador altera profundamente todo o relacionamento com a cultura escrita. (Chartier, 1999, p.30)

O ato de ler deve ser encarado como algo importante para um leitor em idade escolar, pois o mesmo lhe agrega novos ou reformulados conhecimentos ao mesmo tempo em que lhe oferece novas oportunidades de idéias e descobertas. A leitura, obrigatoriamente, também, deveria estar inserida no contexto do cotidiano escolar de crianças e adolescentes para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem, pois ela é “a prática mais nobre da educação” (Matos, 2006, p.16).

Desde sua descoberta, a leitura vem sofrendo profundas transformações quanto ao seu suporte. Das pedras rupestres ao pergaminho, do papel à tela do computador, todas essas mudanças, de certa forma, ampliaram e democratizaram o acesso à informação e ao conhecimento humano.

Segundo Zilberman (1988 apud Costa; Pinheiro; Costa, 2009, p.41): [...] com a invenção da imprensa no século XV, a leitura tornou-se uma atividade extremamente importante para o homem civilizado, com múltiplas finalidades, influenciando o desenvolvimento da sociedade contemporânea e tornando-se uma das grandes responsáveis pelas mudanças ocorridas na evolução da humanidade.

Ao mesmo tempo em que leitura diversificava seu suporte, a mesma ampliava seu público e seu objetivo: “da instrução para o lazer” (Milanesi, 1988, p.38). Com a popularização do livro durante o século XIX, e com a disseminação educacional ocorrida na Europa durante esse mesmo século, “novas categorias de leitores (mulheres, crianças e trabalhadores) foram apresentadas à cultura impressa” (Chartier, 1999, p.26), transformando o livro, ao menos em teoria, numa cultura acessível a todos.

Passado pouco mais de um século da popularização do livro, surge, no final do século XX, uma nova forma de leitura e um novo leitor: o leitor digital. Essa nova prática de ler o texto através da tela do computador “força o leitor a ter novas atitudes e aprender novas práticas intelectuais” (Chartier, 1999, p.28).

Pela primeira vez desde o surgimento da escrita, o leitor, ao mesmo tempo em que está lendo, pode ouvir, apagar, mudar, anotar e até mesmo de reconstruir um texto. Essa nova forma de leitura em tela torna-se mais ativa e dinâmica que a leitura em papel (Lévy, 1998).

Diante destas perspectivas, podemos notar que após mais de um século desde que a leitura se transformou e se disseminou nos meios educacionais, ainda hoje, encontramos elementos que nos desvelam de que algo vai à contramão quando falamos que a biblioteca escolar não consegue formar leitores. Mas, por quê?

Para responder essa questão, faz-se necessário, nesse momento, resgatarmos um pouco da história da biblioteca escolar brasileira.

3. Biblioteca Escolar e o Leitor Digital

Para os incrédulos, afirmo, é chegada a hora de uma revolução. Foi-se o tempo de a biblioteca escolar ser confundida com a menoridade de seu leitor. Em meu julgamento, de todas as tipologias bibliotecárias, reside na biblioteca escolar uma trajetória de requalificação sem precedentes neste novo tempo histórico. (Martucci apud Macedo, 2005)

A primeira biblioteca brasileira surgiu em meados do século “XVI organizada pelos jesuítas em seus colégios” (Fonseca, 2007). Apesar de a biblioteca brasileira ter iniciado suas atividades em um colégio, a mesma não servia diretamente a seus alunos com textos de livre escolha, era tendenciosa, pois seu acervo era composto por livros que serviam exclusivamente para “alimentar a fé, fortalecer a crença e para implantar na selva e nas tabas o espírito apologético – a verdade da fé e do colonizador” (Milanesi, 1988, p. 26).

Nesse percurso de encontrarmos evidências das relações entre biblioteca escolar e leitura, encontramos na literatura, no final da década de 1960, mais uma vez, uma ação de cunho religioso, que propunha, ainda com caráter tendencioso, relacionar, pela primeira vez, a importância da biblioteca no contexto de formação do leitor.

Nesse aspecto, Milanesi (1988) nos mostra que a “Ação Católica e a Congregação Mariana”, entidades religiosas, foram as grandes produtoras de leitura para os jovens brasileiros, porém as mesmas influenciavam diretamente a escolha de suas leituras ao classificar os livros em “bons e maus ou em edificantes e prejudiciais” (Milanesi, 1988, p.38).

É nesse pressuposto de ações contraditórias que a leitura, como prática, surgiu no contexto escolar brasileiro cercada de conturbações e inquietações que, segundo Becker e Grosch (2008, p. 40), a leitura [...] “ora foi alvo da censura onde seus acervos foram queimados e dizimados, deixando a população à mercê do que deveria ou não ser lido”.

Diante dessas perspectivas, concordamos com Freire (2009, p.35) quando diz que “o Brasil foi inventado de cima para baixo”. Se o Brasil foi inventado dessa maneira, não poderíamos imaginar que nossas bibliotecas escolares surgissem com outros objetivos ou propósitos, afinal a “leitura não é prática neutra” (Abreu, 1999, p.15) e fornecer informação às crianças e adolescentes, poderia, futuramente, formar cidadãos críticos e mais conscientes dos problemas

nacionais, acarretando, dessa forma, possíveis ‘prejuízos’ na classe dominante que controla nosso país.

E é nesse ambiente negligenciado pela classe dominante brasileira, ou apoiado em projetos religiosos falaciosos ou discricionários, que a leitura na biblioteca escolar brasileira vai se caracterizando ao longo de séculos, ao mesmo tempo em que se afasta de seu público. Sobre este aspecto Becker e Grosch (2008, p.41) ressaltam que:

Desde que foram criadas, as bibliotecas escolares levaram mais de três séculos para começarem a realizar ações promotoras da leitura e que incentivavam o prazer de ler. Todo o processo deste novo fazer sobre a leitura nas bibliotecas foi lento e, somente com ações efetivas e reais, foi possível.

Apesar das ações entre biblioteca escolar e leitura caminharem em passos lentos na formação de leitores, é somente a partir do ano 2000, com a publicação do Manifesto UNESCO/IFLA para biblioteca escolar, que a mesma começa a ganhar consistência de seu verdadeiro papel em nossa sociedade.

Segundo Martucci (1999, p.80), biblioteca escolar pode ser definida como: [...] uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educacional e participam de seus objetivos, metas e fins. A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e da formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes em sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões na aula. Trabalha também com os pais de família e com outros agentes da comunidade.

Podemos perceber que, apesar de recente a afirmação da professora Martucci (1999), a mesma ainda não faz referência em sua definição de biblioteca escolar à importância da Internet na formação do hábito de ler.

Somente em Silva (apud Macedo, 2005, p.207) é que começamos a encontrar indícios da relevância dos materiais eletrônicos publicados na Internet na formação do leitor digital, quando afirma que a Missão da Biblioteca Escolar é: [...] mais do que um estoque de conhecimentos, constitui espaço adequado para desenvolver nos alunos o melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea. Para isso, o ‘**informar educando**’, nos dias atuais, recai obviamente em desenvolver habilidades nos alunos para localizar, selecionar, interpretar e comunicar a informação. (Grifo nosso)

As crianças e os adolescentes de hoje possuem necessidades imediatista e anseios que nunca existiram na história da humanidade. A biblioteca escolar para atrair o leitor digital deverá reproduzir em seu contexto interno os mesmos elementos que esse público encontra em casa, quando está ‘navegando’ na Internet, isto é, a biblioteca escolar, se quiser conquistar e formar novos leitores deverá “promover experiências criativas” (Silva apud Macedo, 2005, p.207), de interatividade e de dinamicidade.

Para as crianças e adolescentes que nasceram e estão crescendo fazendo uso da tecnologia da Internet, a mesma assume um papel de “transparência que lhes permite lidar com pessoas, informações, jogos, serviços, aplicações e amigos” (Amaral apud Silva, 2003b, p.46) sem sair do

lugar, da cadeira e do conforto. Esse é o novo ambiente de socialização e de “esquema mental de pensamento” (Ramal, 2002 apud Silva, 2003b, p. 47) das crianças e dos adolescentes da atualidade.

Nesse sentido, para Moran (2005, apud Silva, p. 293) [...] “é muito mais atraente navegar, descobrir coisas novas do que analisá-las, compará-las”, dessa forma, a biblioteca escolar, para cumprir seu atual papel em formar leitores na sociedade da informação, deverá investir recursos nos suportes digitais e desenvolver projetos de leitura que potencializem as necessidades cognitivas desse seu público.

4. Considerações Finais

O artigo nos revela que, apesar do assunto não ser tão recente, ainda há uma produção científica pequena, principalmente por parte dos Bibliotecários, que relacione o atual papel da biblioteca escolar como parte integrante na formação do jovem leitor digital.

A pesquisa também nos aponta que desde os primórdios da leitura em nossas bibliotecas, a mesma foi cercada por um jogo influente de poder e censura, fato este que se modifica totalmente com o advento da Internet, visto que para a tecnologia da Internet não há barreiras nem fronteiras. É território livre.

Fica também evidente que não compete mais à biblioteca escolar somente investir em projetos arquitetônicos e materiais em formato convencional para atrair e formar novos leitores em sua plenitude. A representação eletrônica dos textos alterou os hábitos, as preferências e as habilidades de nossos jovens, dessa forma, todas as ações da biblioteca escolar para potencializar o leitor digital devem estar voltadas para esses aspectos.

Se a biblioteca escolar conseguir estimular e fomentar nas crianças e nos adolescentes o hábito pela leitura utilizando os recursos tecnológicos da Internet, talvez a mesma não consiga mudar totalmente nosso país, mas conseguirá, ao menos, transformar nossos jovens em cidadãos.

Referências

- [1] Becker, C. da R. F., Grosch, M. S., “A formação do leitor através da biblioteca: o letramento e a Ciência da Informação como pressuposto”, *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, Vol. 4, No. 1, jan./jul. 2008, pp. 35-45.
- [2] Cattelan, P., “Bibliotecas digitais: alternativa viável para gerenciar o caos na internet”, *Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, CBBDD, São Luís, Julho 1997*, pp. 209.
- [3] Chartier, R., *As revoluções da leitura no ocidente*, Cap. Leitura, história e história da leitura, Mercado de letras, Campinas, 1999.
- [4] Costa, W. A. da, Pinheiro, M. I. da S., Costa, M. N. da S., “O bibliotecário escolar incentivando a leitura através da webquest”, *Perspectiva em Ciência da Informação*, Vol. 14, No.1, jan./abr. 2009, pp. 37-54.
- [5] Darnton, R., *A questão dos livros: passado, presente e futuro*, Companhia das Letras, São Paulo, 2010.
- [6] Fonseca, E. N. da, *Introdução à biblioteconomia*, Briquet de Lemos, Brasília, ed. 2, 2007.
- [7] Freire, P., *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, Cortez, São Paulo, ed. 50, 2009.
- [8] Instituto Pró Livro, *Retratos da leitura no Brasil*, São Paulo, Instituto Pró Livro, 2008.
- [9] Kleiman, A., *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*, Pontes Editores, Campinas, 1989.
- [10] Lévy, P., *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Editora 34, São Paulo, 1993.
- [11] Lévy, P., *O que é o virtual?*, Editora 34, São Paulo, 1998.
- [12] Macedo, N. D. (Org.), *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*, CRB 8, São Paulo, 2005.
- [13] Mairynk-Sabinson, M. L. T., “O que se ensina quando se ensina a ler e escrever? ensina-se, mesmo, a ler e a escrever?”, *Revista Semestral da Associação de Leitura no Brasil*, No.38, mar.2002, pp. 37-47.
- [14] Martucci, E. M., Milani, M. R., “Diagnósticos das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino do município de São Carlos”, *Inf. e Inf.*, Vo.4, No.2, jul./dez. 1999, pp. 79-94,
- [15] Matos, O., *Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*, Nova Alexandria, São Paulo, 2006.
- [16] Milanese, L., *O que é biblioteca*, Brasiliense, São Paulo, 1988.
- [17] Moraes, L. de S., “Bibliotecas escolares: leitura e informação para uma cidade educadora”, <http://www.crb8.org/ojs/crb8digital>, Abril 2011, 10.

[18] Silva, W. C., Da miséria da biblioteca escolar, Cortez, São Paulo, 2003a.

[19] Silva, E. T. da, A leitura nos oceanos da internet. Cortez, São Paulo, 2003b.